

Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa

Hermínia Vieira¹

Atualmente, a expressão do futuro do presente em português apresenta-se sob três formas: a sintética, a perifrástica e a forma no presente do indicativo com valor de futuro. Essa variação modo-temporal é o mote de nossa pesquisa, que estuda a expressão do futuro do presente na mídia cearense impressa. Para tanto, tomaremos a Sociolinguística como modelo teórico-metodológico de um estudo cujos dados foram coletados a partir de dez exemplares de cada um dos quatro jornais que compõem a mídia cearense impressa, são eles: *Diário do Nordeste*, *O Povo*, *O Estado CE* e *Aqui CE*, considerando as editoriais *Política*, *Esporte* e *Entretenimento*. À luz da teoria variacionista de Labov (LABOV, 2008) e na esteira de outras pesquisas já realizadas (NUNES, 2003; BRAGANÇA, 2008; GIBBON, 2000 etc.), buscaremos descrever como a mídia cearense atual expressa a codificação do tempo futuro. Adotamos como variável estudada a expressão do futuro do presente no português cearense, que vem apresentando três formas em variação: (1) a forma sintética (exemplo: cantarei), (2) a forma perifrástica (ex: vou cantar; irei cantar²) e (3) a forma no presente do indicativo com valor de futuro (ex: canto amanhã). As formas (1), (2) e (3), assim como quaisquer variantes em uma comunidade de fala, concorrem entre si. No caso, a forma sintética é a forma padrão e as demais são consideradas variantes inovadoras. Normalmente, a forma padrão, e também conservadora, goza de prestígio social, ao passo que as formas inovadoras são consideradas variantes não-padrão, e não-prestigiadas, sofrendo, por vezes, estigma social (TARALLO, 2007, p. 11). As formas (2) e (3), apesar de inovadoras, não parecem sofrer preconceito. São formas que parecem já ter atingido o status de gramaticalizadas e, cada vez mais, consolidam-se no paradigma verbal de futuro, uma vez que já são bastante empregadas na fala e, até mesmo, na escrita.

O termo Sociolinguística – teoria que embasa nossa pesquisa – foi fixado em 1964, em Los Angeles, com a proposta de denominar uma subárea da Linguística capaz de correlacionar aspectos linguísticos e sociais. O americano Willian Labov, tido como iniciador desse modelo, não foi o primeiro

¹ Doutoranda em Linguística (UERJ). Mestra em Linguística (UFC).

² Optamos por considerar apenas as construções perifrásticas com o verbo IR no presente (ex: vou cantar).

a trabalhar a relação entre língua e sociedade. Aliás, essa relação, de tão inseparável, chega a tornar o termo redundante, motivo que fez o próprio Labov relutar bastante em aceitá-lo: “Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem sucedida que não é social.” (LABOV, 2008, p. 13). A Sociolinguística tem como objeto de estudo o vernáculo, ou seja, a língua em uso. Sendo assim, é de seu interesse observar, descrever e analisar a língua em seu contexto social. Para tanto, é tomado como ponto de partida uma comunidade de fala, que, no dizer de Labov (2008, p. 188) “[...] é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Toda comunidade de fala é caracterizada por diferentes modos de falar, intitulados variedades linguísticas. Por sua vez, ao conjunto dessas variedades dá-se o nome de repertório verbal. As variedades linguísticas mostram que nenhuma língua é homogênea e a Sociolinguística encara a heterogeneidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico (ALKMIM, 2008, p. 33).

Ainda para entendermos esse modelo de “heterogeneidade ordenada”, devemos introduzir o conceito de variável linguística, ou seja, “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 105). Essa variável é composta por um conjunto de variantes, que, dentro da Sociolinguística Variacionista, são entendidas como diferentes formas de se dizer a “mesma coisa” em um “mesmo contexto discursivo” com o “mesmo valor de verdade”. A variável linguística sofre influência de uma série de fatores internos e externos à língua, sendo, por isso, denominada variável dependente. Já os fatores que podem condicionar a variável linguística são chamados de variáveis independentes, já que não mantêm relação de dependência nem com a variável dependente, nem entre si. Os fatores condicionadores internos à língua, chamados de linguísticos, são aqueles pertencentes aos níveis fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e discursivo. Já os fatores condicionadores externos à língua, denominados extralinguísticos, são todos aqueles que “não servirem de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não é estritamente linguístico)” (TARALLO, 2007, p. 46). Em nossa pesquisa, trabalharemos com os fatores linguísticos *extensão do vocábulo, marca de futuridade, polaridade, pessoa do discurso, distanciamento temporal e tipo semântico do verbo*; e com os fatores extralinguísticos *jornal, editoria e origem* (se o dado é oriundo de matéria ou de coluna).

Por estarem intrinsecamente ligados à variação linguística, os fatores linguísticos e sociais também estão intimamente inter-relacionados ao processo de mudança linguística. Isso porque as variantes de uma mesma variável permanecem em alternância, e, de maneira geral, podem estabilizar esta variação, seguindo em coexistência, ou desencadear uma mudança linguística, situação na qual as variantes entram em uma disputa, um “duelo de morte”, como metaforizou Tarallo (2007), do qual apenas uma das formas sobrevive. Como corolário do que foi exposto, temos que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”.

Nossos dados, já devidamente codificados, foram submetidos ao programa computacional estatístico *Goldvarb*, que realizou cálculos de frequência, apresentou os pesos relativos e identificou a ordem de significância de cada um dos grupos de fatores, servindo, assim, de alicerce para nossa interpretação, à luz do Sociofuncionalismo. Realizamos três rodadas no programa estatístico, cada uma adotando uma das variantes como valor de aplicação. Aqui, apresentaremos os resultados referentes a cada um dos grupos de fatores, apontando a ordem em que foram selecionados pelo programa e, por fim, a ordem em que foram descartados³: *step-up* e *step down*, respectivamente (GUY; ZILLES, 2007, p. 164). Dentro da exposição, procederemos à caracterização e exemplificação de seus fatores, seguida da descrição e análise dos resultados. Em todos os casos, buscamos correlacionar os números às nossas hipóteses. Para a coleta de dados, selecionamos e analisamos exemplares dos três jornais que, à época da pesquisa, compunham a mídia cearense impressa, a saber: Diário do Nordeste, O Povo e O Estado CE; além do jornal Aqui CE, cuja circulação foi suspensa no início de 2014. Coletamos dez exemplares de cada periódico, referentes às duas primeiras semanas de janeiro de 2014, excetuando-se o dia 1o de janeiro, que não apresentou circulação de nenhum dos jornais, e os finais de semana, pois o jornal Aqui CE não apresentava circulação aos domingos e o jornal O Estado, nem aos sábados, nem aos domingos⁴.

Nos quarenta periódicos coletados, encontramos 2.184 dados, dos quais, 1181 apresentados sob a forma de futuro do presente sintético (01), 706 de presente (02) e 297 de perífrase (03). Os exemplos que seguem ilustram a apresentação das dessas variantes:

- (01) Respaldo pela expressiva votação que o consagrou na eleição de 2010, o deputado federal Edson Silva já está decidido de que DISPUTARÁ a reeleição no pleito deste ano. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).
- (02) O Ferroviário ESTREIA no Estadual 2014 no domingo, 5, contra o Crato, na Arena Castelão, às 17 horas. (Aqui CE, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).
- (03) [...] Em outra frente, o PCdoB avisou que VAI BRIGAR para se manter com a vaga no Senado, posto que, agora, o PT também quer ocupar. (O Povo, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).

3 Isso justifica porque a apresentação dos grupos não está dividida entre grupos linguísticos (formais e discursivos) e grupos extralinguísticos.

4 Para mais detalhes acerca da metodologia desta pesquisa, ver VIEIRA (2014).

A tabela abaixo esquematiza a aplicação e a porcentagem de cada uma das variantes, em cada um dos jornais, bem como nosso total de dados:

Tabela 1. Número de dados das variantes futuro do presente, presente e perífrase

	Futuro	Presente	Perífrase	Total
Diário do Nordeste	308	133	65	506
O Estado	403	237	89	729
O Povo	284	139	70	493
Aqui CE	186	197	73	456
Total	1181	706	297	2184

Fonte: própria.

As quantidades de dados de presente (706) e de perífrase (297) nos jornais corroboram nossa hipótese de que, no Ceará, essas formas já atingem contextos mais formais, como os textos do jornal impresso. Quanto à aceitação dessas formas, podemos afirmar que eles não sofrem estigma, uma vez que são bastante usadas, em todos os jornais e em todas as editorias. Contudo, afirmar que as formas inovadoras gozam de prestígio parece-nos precipitado. Isso porque, apesar dessa inclusão, a ocorrência da forma conservadora futuro do presente sintético (1181) ainda é maior do que o somatório do uso das formas de presente e de perífrase (1003 dados, somados), o que parece revelar um entendimento de que aquela forma seja mais adequada do que estas. Há, ao nosso ver, uma considerável aceitação das formas novas, contudo, não há equidade de aceitação entre todas as variantes, mas sim, um entendimento de que uma forma é mais adequada do que as outras⁵.

Como dissemos, realizamos três rodadas no *Goldvarb*. Na primeira, adotamos o futuro do presente sintético como valor de aplicação. Para esta rodada, o programa selecionou, nesta ordem, os grupos de fatores *tipo de verbo*, *extensão do vocábulo*, *editoria*, *jornal*, *origem*, *distanciamento temporal* e *pessoa do discurso* como condicionadores do futuro e descartou, nesta ordem, os grupos *marca de futuridade* e *polaridade*. Na segunda rodada, consideramos a perífrase como valor de aplicação contrapondo-a ao futuro do presente e ao presente do indicativo. O programa *Goldvarb* selecionou os grupos de fatores *tipo de verbo*, *distanciamento temporal*, *extensão do vocábulo*,

5 Testes de atitude linguística nos dariam subsídios para afirmar que essas formas são, realmente, bem aceitas e não estigmatizadas. Por ora, argumentamos que o emprego dessas formas em textos jornalísticos escritos já podem ser tomados como evidência do seu grau de aceitação nesse tipo de texto.

pessoa do discurso e *polaridade* como condicionadores de perífrase e descartou os grupos *jornal*, *editoria*, *marca de futuridade* e *origem*. Na terceira – e última – rodada, adotamos o presente como valor de aplicação. Nesta rodada, foram selecionados os grupos de fatores *tipo de verbo*, *extensão do vocábulo*, *distanciamento temporal*, *editoria*, *origem*, *jornal* e *polaridade* e descartados os grupos *pessoa do discurso* e *marca de futuridade*.

A seguir, apresentaremos os resultados, considerando cada um dos grupos de fatores, apontados pelo programa estatístico e os correlacionaremos com as hipóteses que levantamos. O grupo **tipo de verbo** foi selecionado como mais relevante nas três rodadas realizadas. Adotamos para este grupo a tipologia proposta por Vendler (1967)⁶, a qual divide os verbos em: *atividade*, *accomplishment*, *achievement* e *estado*⁷. Pela nossa hipótese⁸, baseada em Bragança (2008, p.123), acreditávamos que a forma nova atingiria primeiramente os verbos que denotam ação/atividade, passando pelos verbos de processo até atingir os de estado. Com isso, podemos inferir que verbos de estado seriam mais resistentes à forma nova e coocorreriam mais frequentemente com a forma conservadora. Nossa hipótese foi confirmada, uma vez que verbos de *estado* (Peso Relativo (doravante, PR.) 0.829)⁹ condicionam fortemente o futuro sintético e os verbos tipo *accomplishment*, *atividade* e *achievement* (PR. 0.335, 0.305, 0.144, respectivamente) o desfavorecem. Os pesos relativos da segunda rodada referentes a *atividade* (PR. 0.686), *accomplishment* (PR. 0.674) e *achievement* (PR. 0.594) parecem mostrar que o traço semântico histórico de movimento contido no verbo IR que acompanha os verbos no infinitivo atrela o uso desta variante a verbos de movimento. Por outro lado, esse traço semântico [+ dinâmico] parece não se comportar bem com verbos de estado (PR. 0.282). Por fim, chama-nos atenção o quanto verbos do tipo *achievement* condicionam o presente (PR. 0.885). Parece-nos haver uma associação entre a natureza pontual deste tipo de verbo e o tempo presente.

A **extensão do vocábulo** foi o segundo grupo selecionado como mais relevante na primeira e na terceira rodada e o terceiro selecionado na segunda rodada, referente ao condicionamento da perífrase (IR + Infinitivo). O grupo está dividido em três fatores: *verbos com uma sílaba*¹⁰, *verbos com duas sílabas* e *verbos com três ou mais sílabas*. No caso do futuro, no entanto, não há nenhum exemplo de verbo com uma sílaba. Acreditávamos que, quanto mais sílabas o verbo tivesse, maior seria a possibilidade de *perífrase* ou do *presente do indicativo*, pois o futuro do presente acrescentaria uma nova sílaba ao verbo, tornando-o maior e mais “pesado” ao ritmo da *Língua Portuguesa*. Nossos resultados contrariam a hipótese, já que verbos mais extensos (com três ou mais sílabas) condicionam o tempo futuro, com PR. 0.550. Além disso, na primeira rodada, apesar de apresentarem pesos relativos bastante próximos, verbos com três ou mais sílabas favoreceram, mesmo que sutilmente, o uso do

6 Para mais detalhes acerca da tipologia de Vendler, ver VIEIRA (2014).

7 Para a exemplificação de cada um dos fatores deste e dos demais grupos, com dados do *corpus* desta pesquisa, ver VIEIRA (2014).

8 Para mais detalhes acerca das hipóteses desta pesquisa, ver VIEIRA (2014).

9 VIEIRA (2014) também apresenta, para cada rodada e cada grupo de fatores, uma tabela com os resultados oferecidos pelo programa *Goldvarb*, considerando a aplicação/o total de dados (Apli./Total), a porcentagem (%) e o Peso relativo (PR.)

10 No caso da perífrase, consideramos apenas o verbo no infinitivo que acompanha o verbo IR.

futuro do presente, ao passo que verbos com duas sílabas desfavoreceram, mesmo que levemente (PR. 0.441), o uso dessa variante. A *perífrase*, por sua vez, foi mais fortemente favorecida por verbos com uma sílaba (com PR. 0.674). No caso do *presente*, a influência do fator *verbo com uma sílaba* é ainda mais acentuada, pois esse fator foi categoricamente favorecedor do presente (PR. 0.970), ao passo que os fatores verbo com duas sílabas (0.470) e verbo com três ou mais sílabas (PR. 0.383) desfavoreceram o uso dessa variante.

Editoria foi o terceiro grupo selecionado na influência do uso do *futuro* e o quarto selecionado na influência do *presente*. O grupo foi o segundo a ser descartado na influência da *perífrase*. Consideramos as editorias de *Política*, *Esporte* e *Entretenimento*. Acreditamos que cada editoria apresenta grau de formalidade diferente, sendo *Política* a editoria mais formal e *Entretenimento*, a mais informal. Dito isso, esperávamos encontrar mais ocorrências da forma futuro do presente sintético, mais conservadora, em *Política*, seguida de *Esporte* e, por fim, de *Entretenimento*. O peso relativo atribuído pelo *Goldvarb* a cada fator deste grupo confirmou nossa hipótese. De maneira escalar, o uso foi mais frequente na editoria de *Política* (PR. 0.585), depois, em *Esporte* (PR. 0.497) e, em menor número, em *Entretenimento* (PR. 0.386). Ou seja, da editoria mais formal, para a mais informal. A quantidade de dados de futuro também avaliza nossa hipótese. *Política*, a editoria cujo conteúdo é mais formal, apresenta mais dados de futuro do presente (511 de 781), ao passo que *Entretenimento*, a editoria mais informal dentre as três, apresenta menos vezes a variante mais conservadora (141 de 781).

Jornal foi o quarto grupo selecionado na primeira rodada e o sexto selecionado na terceira. Foi também o primeiro grupo a ser descartado na segunda rodada, que adotou a *perífrase* como valor de aplicação. De acordo com nossa hipótese, as formas inovadoras deveriam apresentar maior inserção nos jornais cuja linguagem estivesse mais aberta a inovações e maior restrição nos jornais mais conservadores. Usamos a caracterização dos quatro jornais e uma pesquisa¹¹ com 48 leitores para classificarmos os jornais, de acordo com o grau de formalidade, na seguinte ordem, do mais formal para o mais informal: *Diário do Nordeste*, *O Povo*, *O Estado* e *Aqui CE*. Nossa hipótese foi confirmada se levarmos em consideração apenas os percentuais, ou seja, a frequência de uso. Nos jornais em que os traços de conservadorismo e inovação se mostram mais latentes, nossa expectativa, baseada na pesquisa, foi alcançada: o *Diário do Nordeste*, jornal cujo apego à tradição se mostra mais evidente, apresenta maior predisposição ao uso do futuro do presente sintético (60.9%), ao passo que o *Aqui CE*, jornal que, dentre outras inovações, permite uma linguagem mais próxima da oralidade, apresentou menos uso da variante padrão (54.1%), que caiu em desuso na oralidade. Nesse quesito, em termos percentuais, o jornal *O Povo* (57.6%) ficou mais próximo do *Diário do Nordeste* e o *O Estado* (55.3%) mais próximo do *Aqui CE*. Entretanto, se levarmos em consideração os pesos relativos, que trabalham com a interação de todos os fatores, o comportamento dos jornais intermediários foi inverso: *Diário do Nordeste* (PR. 0.619), *O Estado* (PR. 0.519), *O Povo* (PR.0.528)

¹¹ A caracterização dos jornais, bem como os detalhes da pesquisa realizada, encontram-se em Vieira (2014).

e Aqui CE (PR. 0.314). Todavia, esse resultado não contraria nossa caracterização dos jornais. *O Povo*, que apresenta a segunda maior vendagem do Ceará, apesar de não ser um jornal popular, como o *Aqui CE*, também é um periódico aberto a inovações, que ousa no texto e no *layout*, de modo que sua grande inserção no mercado não se traduz em conservadorismo. *O Estado*, por sua vez, apesar do histórico que alterna momentos de apogeu e de decadência, parece conservar certa tradição, de modo que não nos surpreende o fato de ser o segundo jornal que mais condiciona o uso do futuro do presente sintético, nossa variante conservadora. Por fim, como era esperado, o *Diário do Nordeste*, pertencente ao maior grupo de comunicação do Ceará e o periódico mais vendido no Estado é, dentre todos, aquele que mais adotou a forma conservadora de codificação do tempo futuro e, no lado oposto, está o *Aqui CE*, o jornal mais informal e que menos utilizou a variante mais formal. Na rodada com o *presente* como valor de aplicação, nossa hipótese também foi confirmada, uma vez que o *presente*, uma de nossas variantes inovadoras, sofreu mais influência do fator *Aqui CE* (PR. 0.692) e menor influência do fator *Diário do Nordeste* (PR. 0.356). Os jornais em que encontramos maior dificuldade de encaixe dentro de nossa “escala de formalidade” apresentaram comportamento semelhante, com pesos relativos bastante próximos: 0.503, no caso do jornal *O Estado* e 0.460, no caso do jornal *O Povo*. Apesar de não dispormos dos pesos relativos da segunda rodada, os resultados percentuais respondem satisfatoriamente à nossa hipótese. A variante inovadora, apesar de pouco frequente nos quatro jornais, apresenta maior frequência no jornal menos formal, o *Aqui CE* (16.0%) e menor frequência nos outros três (DN 12.8%, *O Estado* 12.2% e *O povo* 14.2%), entendidos como mais formais.

Distanciamento temporal foi o segundo grupo selecionado na rodada com a *perífrase* como valor de aplicação, o terceiro selecionado para a influência do *presente* e o sexto grupo selecionado na influência do *futuro do presente*. O grupo apresenta três fatores: *futuro imediato ou próximo*¹², *futuro intermediário ou distante*¹³ e *futuro indeterminado*¹⁴. A tradição gramatical associa o futuro do presente ao tempo distante e o presente do indicativo ao futuro eminente. Estudos linguísticos, como o de Gibbon (2000), aventam que a *perífrase* parece estar associada ao futuro próximo. Assim, acreditávamos que o *futuro imediato ou próximo* deveria favorecer o uso da *perífrase* e do *presente* e o *futuro intermediário ou distante* e o *futuro indeterminado* deveriam favorecer o futuro do presente. Nossa hipótese foi confirmada, se considerarmos a primeira e a terceira rodadas, uma vez que o *futuro do presente* foi condicionado pelo *futuro intermediário ou distante* (PR. 0.582) e pelo *futuro indeterminado* (PR. 0.562) e foi desfavorecido pelo *futuro imediato ou próximo* (PR. 0.456) e que, na terceira rodada, o *presente* foi condicionado pelo fator *futuro imediato ou próximo*. Na segunda rodada, por sua vez, os resultados contrariam nossa hipótese, uma vez que a *perífrase* foi condicionada pelo *futuro indeterminado* (PR.0.661) e pelo *futuro intermediário ou distante* (PR.0.646), e foi desfavorecida

12 Pertencem a este grupo os fatos previstos para acontecer no mesmo mês ou em até trinta dias.

13 Pertencem a este grupo os fatos previstos para acontecer após o mês do enunciado ou após trinta dias.

14 Pertencem a este grupo os dados em que não é possível determinarmos se se trata de um futuro imediato/próximo ou intermediário/distante. Para maior detalhamento acerca dessa classificação, ver Vieira (2014).

pelo *futuro imediato ou próximo*. Esse resultado pode ser justificado dentro da distribuição dos dados e do equilíbrio de motivação entre os fatores, uma vez que cada um dos fatores do grupo condicionou uma das variantes: a *perífrase* é mais usada no contexto do *futuro indeterminado*; o *futuro no futuro intermediário ou distante* e o *presente no futuro imediato ou próximo*.

Também buscamos aferir a influência da *pessoa do discurso* na frequência de uso das variantes aqui estudadas. Considerando o critério semântico – e não o formal – adotamos, para este grupo, fatores com as seguintes nomenclaturas: *Quem fala – singular* [eu]; *Quem fala – plural* [nós; a gente]; *Com quem fala – singular* [tu; você]; *Com quem fala – plural* [vós; você]; *De quem ou sobre o que fala – singular* [ele; ela]; *De quem ou sobre o que fala – plural* [eles; elas]. Entrando na análise específica da rodada com o *futuro do presente* como valor de aplicação, temos que este grupo foi o sétimo – e último – selecionado na influência de futuro do presente. A rodada com este grupo apresentou *nocaute*, pois só houve a ocorrência de um dado de *Com quem fala – singular* e nenhum dado de *Com quem fala – plural*. Nossa decisão, então, foi retirar esses fatores da rodada, até porque, o único dado de *Com quem fala – singular* estava em contexto de restrição. Com isso, trabalhamos apenas com: *Quem fala – singular* [eu]; *Quem fala – plural* [nós; a gente]; *De quem ou sobre o que fala – singular* [ele; ela]; *De quem ou sobre o que fala – plural* [eles; elas]. Na segunda rodada, com a *perífrase* como valor de aplicação, o grupo *pessoa do discurso* foi o quarto a ser selecionado pelo programa *Goldvarb*. Procedemos, para este grupo, a amálgama entre os fatores *quem fala – plural* [nós; a gente] com *quem fala – singular* [eu] (plural transformado em singular). Na terceira rodada, o grupo foi o primeiro a ser descartado na influência de uso do presente. Nela, os fatores *com quem fala – singular e plural* [você; vocês] apresentaram *nocaute*. Chama-nos atenção, primeiramente, a diferença na quantidade de dados referentes a *Quem fala* e *De quem ou sobre o que se fala*. O texto jornalístico é constituído, basicamente, de informações sobre alguém ou sobre alguma coisa. Desse modo, houve, quase que exclusivamente, a ocorrência de dados dos fatores *De quem ou sobre o que fala – singular* e *De quem ou sobre o que fala – plural*. Os poucos dados de *Quem fala – singular* e de *Quem fala – plural* ficaram a cargo dos textos de colunistas. Destacamos, na primeira rodada, os resultados referentes aos fatores *Quem fala* e *De quem ou sobre o que fala no singular*. No primeiro caso, as asserções em primeira pessoa, revelam maior comprometimento e intencionalidade, ao passo que esse comprometimento não pode ser estendido às afirmativas em terceira pessoa. A grande discrepância entre os dados, tanto na primeira quanto na segunda rodadas, torna qualquer análise precipitada, uma vez que corremos o risco de estarmos trabalhando com resultados enviesados. Acreditamos que o descarte do terceiro grupo, como presente com valor de aplicação, se deu devido aos poucos dados de *quem fala – singular* [eu] e *quem fala – plural* [nós; a gente]. Cada um dos fatores só apresentou um dado. Como não foi selecionado, o programa estatístico não apresentou os pesos relativos referentes ao grupo.

O grupo *marca de futuridade* foi o primeiro a ser descartado na primeira rodada, o terceiro a ser descartado na segunda rodada e o último a ser descartado na terceira rodada. O grupo apresenta

dois fatores, quais sejam: *pista temporal de natureza semântica*¹⁵ e *pista temporal de natureza pragmática*¹⁶. Apesar da ausência de pesos relativos, os percentuais nos oferecem um resultado plausível. O futuro é mais frequente em dados com *pista temporal de natureza pragmática* (63.2%) porque a marca morfológica de futuro da variante *futuro do presente* compensa a ausência de pista de natureza semântica. Pelo mesmo motivo, quando o dado possui uma pista dentro do próprio texto, ele não precisa tão fortemente de uma marca morfológica de futuro, porque seu contexto já exprime futuridade. Pelo mesmo raciocínio, o presente é mais frequente em dados com *pista temporal de natureza semântica* (37.4%) porque, de modo geral, para ter valor de futuro, o presente precisa estar acompanhado de alguma marca textual que expresse futuridade, como um advérbio. No caso de futuro, que possui pista interna de futuridade, há menor necessidade de uma pista textual.

O grupo *polaridade*, cujos fatores são *afirmativa* e *negativa*, foi o último a ser selecionado na influência da perífrase e do presente e foi descartado na influência do futuro do presente. De acordo com nossa hipótese, acreditávamos que a negação favoreceria o futuro do presente, ao passo que a afirmação impulsionaria a perífrase e o presente do indicativo. Considerando a segunda rodada, nossa hipótese foi parcialmente comprovada e parcialmente refutada. Apesar de não ter sido apontado como grupo relevante, os dois fatores da polaridade favoreceram o uso do futuro, de modo que não podemos dizer que a hipótese foi refutada. Entretanto, no caso da perífrase como valor de aplicação, nossa expectativa foi frustrada, pois as formas afirmativas desfavoreceram, mesmo que muito sutilmente, o uso da perífrase, com peso relativo de 0.494; ao passo que as negativas favoreceram, com peso relativo de 0.696, o uso desta variante.

O grupo de fatores *origem* não existia no início desta pesquisa. Ele foi pensado durante a coleta e codificação dos dados, quando percebemos haver muitas peculiaridades entre dados oriundos de matérias e dados oriundos de colunas. Por exemplo, no caso da pessoa do discurso, todos os casos dos fatores *Quem fala – singular [eu]* e de *Quem fala – plural [nós; a gente]* estão nas colunas, pois entra no discurso a fala do colunista. Da mesma forma, todos os dados de *Com quem fala – singular [tu; você]; Com quem fala – plural [vós; você]* também estão nas colunas, quando o colunista dirige-se ao leitor. As matérias, por sua vez, só possuem dados de *De quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]; De quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]*. O grupo *origem* foi o quinto selecionado no condicionamento de futuro do presente e do presente e foi o último a ser descartado na influência da perífrase. Como o grupo surgiu durante o trabalho, ele não partiu de uma hipótese, mas sim, da suposição de que a origem do dado poderia influenciar na escolha da codificação de futuro. O grupo foi selecionado em duas rodadas, mostrando sua relevância, e apontou, curiosamente, que a coluna, gênero entendido aqui como mais informal, favoreceu o futuro (PR. 0.615), forma conservadora, ao passo que desfavoreceu matéria (PR. 0.441), gênero

15 Pertencem a este grupo os dados cuja marca de futuridade vem explícita no contexto ou no cotexto. Consideramos a presença de qualquer informação textual, incluindo o texto em si, título da notícia, data do jornal etc. que expresse futuridade.

16 Pertencem a este grupo os dados que não apresentam qualquer pista temporal de natureza semântica, sendo preciso recorrer ao conhecimento de mundo para entendermos o contexto de futuridade no qual o dado se insere.

que consideramos mais formal. O resultado foi oposto na terceira rodada, do presente como valor de aplicação: matéria com PR. 0.585 e coluna PR. 0.335.

Conforme visto, neste trabalho, buscamos descrever e analisar a variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa contemporânea. Para tanto, trabalhamos com os três jornais que compõem essa mídia – *Diário do Nordeste*, *O Estado* e *O Povo* – e com o jornal *Aqui CE*. Realizamos três rodadas com o programa *Goldvarb*, cada uma adotando uma das variantes como valor de aplicação. Nos três casos, a maioria dos grupos foi selecionada como condicionadora das variantes. Na primeira rodada, os grupos de fatores *tipo de verbo*, *extensão do vocábulo*, *editoria*, *jornal*, *origem*, *distanciamento temporal* e *pessoa do discurso* foram apontados como condicionadores do futuro. Na segunda rodada, os grupos de fatores *tipo de verbo*, *distanciamento temporal*, *extensão do vocábulo*, *pessoa do discurso* e *polaridade* foram selecionados na influência da perífrase. E, por fim, os grupos de fatores *tipo de verbo*, *extensão do vocábulo*, *distanciamento temporal*, *editoria*, *origem*, *jornal* e *polaridade* foram selecionados como condicionadores do presente. Isso quer dizer que os grupos de fatores mais relevantes para o fenômeno variável foram o *tipo de verbo*, que foi selecionado em primeiro lugar para as três variantes e a *extensão do vocábulo*, que foi selecionado em segundo lugar para o futuro do presente e para o presente e em terceiro lugar para a perífrase.

Constatamos que a mídia impressa cearense adota as três formas de codificação do futuro com que trabalhamos, entretanto, a forma conservadora (futuro do presente) apresenta mais dados do que o somatório dos dados das formas de presente e de perífrase. Entendemos que nossa pesquisa apresenta lacunas e desdobramentos naturais. Em outras oportunidades, acreditamos que poderiam ser aplicados princípios abordados no Funcionalismo, tais como: marcação, iconicidade, planos discursivos, parâmetros de transitividade *etc*. Também julgamos oportuna a extensão deste estudo a outras mídias, como televisão, rádio, *online etc* e a outros estados brasileiros.

Referências bibliográficas

ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística** (Parte I). MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 21-48.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. **A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba**. 2008, 145 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

GIBBON, Adriana de Oliveira. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. 2000, 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William; tradução Marcos Bagno; Martha Maria Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NUNES, Rosane Pereira. **A evolução cíclica do futuro do presente** – do latim ao português. 2003, 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 8 Ed. São Paulo: Ática, 2007.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **The philosophical review**. Vol. 02, Nº 2. 1957, p. 143- 160.

VIEIRA, M.H.C. **Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará. 2014. 168 f.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I.; tradução Marcos Bagno. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.